
Uma análise do episódio *Nosedive*, da série *Black Mirror*, sob os olhares de Bauman e Debord¹

Beatriz SOUZA²

Joyci MEDEIROS³

Josilene R. de OLIVEIRA⁴

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo

Este artigo se propõe analisar a relação entre os conceitos de Modernidade Líquida, criado pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman, e Sociedade do Espetáculo, produzido pelo filósofo e escritor francês Guy Debord, a partir do episódio *Nosedive*, da série britânica *Black Mirror*. Apesar de fictícia, encontram-se, na produção, elementos que pautam as relações da sociedade atual: a mediação por imagem e fluidez nas relações que tornam o sujeito social cada vez mais individualista, enfraquecendo o pensamento coletivo. Metodologicamente, utilizamos de pesquisa exploratória e de revisão bibliográfica. Na análise, tencionamos os conceitos e procuramos compreender a validade destes na interpretação do episódio.

PALAVRAS-CHAVE: cibercultura; relações sociais; modernidade; capitalismo; espetáculo.

Introdução

Guy Debord e Zygmunt Bauman foram grandes filósofos, sociólogos e escritores que elaboraram conceitos importantes acerca do desenvolvimento da vida em sociedade, a partir da modernidade. Entre eles, estão as teorias da sociedade do espetáculo e da modernidade líquida, que abordam a influência do capitalismo na estruturação da sociedade, nas relações interpessoais e na construção das identidades dos indivíduos, além da interferência do mercado e a substituição da interação direta pela mediação das imagens. Suas críticas foram escritas no contexto do século XX, quando a comunicação de massa teve seu “boom” inicial, e eram direcionadas às redes de difusão via televisão e rádio. No entanto, como se inseriam no sistema capitalista, que ainda é o vigente em

¹Trabalho apresentado na IJ05 – Comunicação Multimídia do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

²Estudante de Graduação do 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, e-mail: beabtr1@gmail.com

³Estudante de Graduação do 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, e-mail: joysilins@gmail.com

⁴Doutora em Sociologia pelas Universidade Federal de Pernambuco e Université Bourgogne Franche-Comté (França). Professora do Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, orientou o trabalho, produzido na disciplina Com. e Culturas Contemporâneas, e contribuiu diretamente na elaboração da versão final, e-mail: josilene.ro2011@gmail.com

nossa sociedade, essas teorias são consideradas atuais por grande parte dos sociólogos do século XXI. Na atualidade, a série *Black Mirror* ganhou altos índices de audiência ao abordar tais conceitos, relacionando-os aos grandes avanços tecnológicos testemunhados por nossa época.

Segundo Kohn e Moraes (2007), “as transformações sociais estão diretamente ligadas às transformações tecnológicas da qual a sociedade se apropria para se desenvolver e se manter”. Com o surgimento da internet e, conseqüentemente, das redes sociais, o apelo à imagem se intensificou ainda mais. Ao sermos bombardeados por propagandas 24 horas por dia, o consumo rápido é incentivado e as relações interpessoais se tornam mais superficiais, sendo consideradas apenas mais um número nas redes, mais uma curtida sem grande significado.

Este contexto da atualidade cada vez mais imersa no mundo digital é o pano de fundo da série *Black Mirror*, que expõe em seus episódios as vantagens e os malefícios que podem ser causados à sociedade pelo uso excessivo da tecnologia e abre o debate acerca de questões morais e da possibilidade de se impor limites a esse uso.

A série, que teve seu primeiro episódio exibido em dezembro de 2011, é uma ficção científica que nos mostra distopias baseadas em possíveis efeitos causados pelos avanços tecnológicos em nossa sociedade. Suas duas primeiras temporadas foram transmitidas pelo canal britânico Channel 4. Posteriormente, foi comprada pelo site de streaming Netflix, que, até o momento, lançou mais duas temporadas e um episódio interativo (chamado *Bandersnatch*) e está em fase de produção de uma quinta temporada.

Seu título, que em tradução livre significa Espelho Negro, se refere “àquilo que você encontrará em cada parede, mesa, na palma de cada mão: a tela fria e brilhante de uma TV, monitor ou smartphone”⁵. Na nossa interpretação, o uso do termo “Black” (negro) no título, também faz referência à ausência de luz/clareza sobre o que somos capazes de ver e perceber no reflexo do espelho, assim como aos aspectos obscuros da sociedade contemporânea, observados em suas práticas sociais, a exemplo da atitude narcisista na busca constante de se ver refletida em câmeras de TV e de outros aparelhos digitais, ou ainda, no compartilhamento de imagens e informações íntimas.

⁵ Tradução livre da fala do criador da série, Charlie Brooker, em sua coluna publicada no The Guardian (2011).

Outra característica da série é que cada episódio conta uma história independente, com diferentes elencos e cenários, porém seguindo a mesma temática. Aclamada pela crítica, teve uma avaliação de 86% na plataforma Rotten Tomatoes, considerado o site mais confiável em questão de críticas de entretenimento cinematográfico e televisivo, e recebeu comentários positivos de colunistas de diferentes veículos, como The Daily Telegraph, The Washington Post, The Daily Mirror, entre outros.

Devido à sua importância na cultura contemporânea e por abordar determinados aspectos da sociedade que conversam com o pensamento de Bauman e Debord, escolhemos estudar *Nosedive*, episódio da terceira temporada da série que mostra uma distopia na qual as pessoas são constantemente avaliadas por suas atitudes e suas publicações em redes sociais (digitais), sob a ótica desses autores.

A metodologia escolhida para a realização do trabalho foi a pesquisa bibliográfica acerca dos temas abordados, seguido de uma análise exploratória dos conceitos, buscando explicar como se relacionam entre si e com o episódio analisado. Foi observado que as teorias estudadas aqui, apesar de concebidas em momentos diferentes (com mais de 30 anos de diferença), são intrinsecamente conectadas, visto que ambas tratam do funcionamento das relações sociais frente aos avanços tecnológicos de difusão de imagem e os impactos sofridos por elas.

Dos conceitos

Antes de adentrar na apresentação (sumária) dos conceitos desenvolvidos por cada um dos autores aqui estudados, convém tencionar e ressaltar o que supostamente os une e o que os distancia, evidenciando como as ideias de um e de outro estão imbricadas nas suas próprias trajetórias de vida.

Primeiramente, deve-se levar em conta que há uma distância temporal entre os estudos baumanianos – cuja repercussão se dá a partir da década de 1980, proeminentemente no meio acadêmico – e as experimentações de Debord, iniciadas nos anos 1950. Com efeito, Bauman e Debord foram contemporâneos e trataram de temas correlatos, porém, parece que nenhum deles “leu” os trabalhos um do outro, o que não significa que não tenham tomado conhecimento da existência, haja vista o contexto político turbulento que ambos vivenciaram, cada um em seu país, nas décadas de 1950 e

1960. Nesse sentido, quando Sociedade do Espetáculo foi publicada e durante os conflitos de maio de 68, Bauman estava apenas iniciando a carreira acadêmica e vivia sob a perseguição do governo comunista da Polônia, que o fez romper com o marxismo e o obrigou a exilar-se com a família (BAUMAN, 2005).

Em segundo lugar, é preciso ter em mente que apesar de Bauman ser descrito por seus comentadores como um leitor perspicaz, o fato dele fixar residência na Inglaterra, onde já havia feito um estágio pós-doutoral (entre 1956-1957), provavelmente tenha influenciado suas leituras e os autores aos quais teve acesso (SANTOS, 2014). É certo que ele bebeu da Escola de Frankfurt e foi leitor de Walter Benjamim, dentre muitos outros autores cuja difusão das ideias ocorreu mais rapidamente em língua inglesa. E é muito provável que tenham sido por meio deste último que Bauman teve acesso às poesias do francês Baudelaire, por exemplo, citadas por ele em “Amor Líquido”.

Diferente de Bauman, Guy Debord não é um acadêmico por excelência e, talvez por isso, suas reflexões políticas tenham penetrado e influenciado as reivindicações dos estudantes em Maio de 68. Debord, que também se dedicou ao cinema, desenvolveu uma leitura marxista hegeliana, por isso é tão crítico à mercantilização da arte e à sociedade de consumo (BUENO, 2017). Já Bauman, ao longo e em função de sua trajetória, tornou-se um crítico da ortodoxia marxista, mantendo um “olhar eclético e perspicaz, que vai além dos cânones acadêmicos” (SANTOS, 2014, p. 84). Assim, percebe-se que as trajetórias de um e de outro influenciam e estão presentes nas interpretações, teorias e conceitos que desenvolveram, como aqueles apresentados na sequência.

Modernidade Líquida

Modernidade líquida é um conceito criado em 1999, pelo sociólogo polonês, e que dá título a um de seus livros mais conhecidos. Bauman, ele próprio tendo sentido os efeitos da mobilidade forçada pela condição de exilado, obrigado a viver em país estrangeiro⁶, define a atual fase da modernidade como sendo líquida pois, segundo ele,

⁶ De origem judia, Zygmunt Bauman teve que abandonar os estudos e deixar a Polônia, indo viver na União Soviética (Rússia), no início da Segunda Guerra Mundial, onde prestou serviço militar. Ao retornar ao seu país destruído pela guerra, iniciou os estudos em sociologia até tornar-se professor em Varsóvia. Perseguido e impedido de lecionar pelo Partido Comunista Polonês, por motivações antissemitas, foi obrigado a emigrar. E antes instalar-se definitivamente na Inglaterra, onde viveu até sua morte, teve breves passagens por Israel, Canadá e Austrália (SANTOS, 2014).

tudo se reorganiza de modo fluido e rápido, não existindo solidez nos padrões sociais ou espaço para projetos de vida duradouros (BAUMAN, 2005). Para o sociólogo, essa fluidez se manifesta em todos os âmbitos da sociedade, da construção de identidade individual até a forma como nos relacionamos enquanto comunidade.

Desse modo, as principais características da modernidade líquida são a ausência de certeza, o individualismo, a mobilidade (voluntária, caso do turista; ou forçada, caso de migrantes e “vagabundos”) e a falta de solidez nas relações. Nessa perspectiva, o consumo desempenha um papel crucial, posto que turistas e vagabundos “não têm como escapar de serem consumidores, apesar destes serem “falhos”, frustrados, enquanto que aqueles têm êxito em suas tarefas” (SANTOS, p. 91). É nessa perspectiva que o consumo torna-se a base para a construção das identidades, de acordo com Bauman (2011).

Conforme Bauman (2005), dado o acirramento do individualismo e por perceber-se constantemente mutável, o indivíduo acaba voltando toda atenção para a construção de sua própria identidade, não se atentando para a esfera pública. Logo, as relações construídas têm como objetivo uma satisfação pessoal e não a busca pelo bem comum. Como consequência, há cada vez mais invasão do público no privado e, por estarmos concentrados na ideia de que nossa identidade deve acompanhar os padrões do mercado, não percebemos isso. E é essa falta de percepção que faz com que seja cada vez mais difícil manter relações sociais sólidas.

A sociedade do espetáculo

“A sociedade do espetáculo” foi um livro escrito pelo Guy Debord, publicado em 1967, que fazia críticas à sociedade capitalista, mergulhada numa cultura de consumo desenfreado de imagens. O conceito teve influência direta nos acontecimentos de maio de 1968, na França, período em que a juventude daquele país protagonizou uma onda de protestos contra o sistema educacional e os moldes conservadores da sociedade. A eles se juntaram camponeses e trabalhadores, culminando numa greve geral que parou o país e fez o então presidente Charles de Gaulle conceder abono de 35% ao salário mínimo e convocar novas eleições legislativas. Este evento é considerado até hoje um dos mais importantes da sociedade contemporânea, pois foi o início de mudanças nas concepções sociais acerca de temas como liberdade e direitos humanos, entre outros.

Debord fazia parte do movimento artístico e político situacionista, uma fusão de diversos movimentos vanguardistas da época, que buscava rever o papel da arte na sociedade. Para eles, a arte tinha de ter motivações políticas, pois era algo inerente à construção da sociedade. O “espetáculo” faz uma crítica aos rumos tomados pela cultura, que se tornou apenas mais um produto do capitalismo. Com a mercantilização da arte, que segundo os situacionistas deveria ser revolucionária e transformar a sociedade, ela perde seu valor real e deixa de ser arte.

A cultura é a esfera geral do conhecimento e das representações da vivência na sociedade histórica dividida em classes; o que significa dizer que ela é o poder de generalização existente à parte, cisão entre o trabalho intelectual e trabalho intelectual dividido. A cultura desligou-se da unidade da sociedade do mito, <<quando o poder da unificação desaparece da vida do homem, os contrários perdem sua relação, sua interação viva, e adquirem autonomia...>> (Diferença entre os sistemas de Fichte e de Schelling). Ao ganhar sua independência, a cultura inaugura um movimento imperialista de enriquecimento, que é, ao mesmo tempo, o declínio da sua independência. (DEBORD, G. 1967, p. 139 – 140)

Ao denunciar a “sociedade do espetáculo”, Debord faz uma crítica ao estabelecimento de um sistema social que controla as massas, estruturado diretamente pela organização econômica e política vigente. O livro é uma crítica às relações sociais mediadas pela imagem no contexto capitalista do século XX. Ele analisa o uso da imagem como meio de condicionamento do homem à passividade frente aos valores estipulados pelo capitalismo, que, ao transformar tudo em mercadoria, determina a identidade do indivíduo pelo espetáculo que consome. Para o autor, nós somos parte e fruto dessas imagens (DEBORD, G. 1967).

A influência dessas interações mediadas imagneticamente se estendem não só às relações interpessoais, mas também na construção dos pensamentos e gostos individuais. A publicidade é um setor que tem interferência direta nas formas de satisfação das supostas necessidades das pessoas, produzindo novos desejos e aspirações, enquanto a mídia reduz as complexidades da sociedade em narrativas simplórias. Nas palavras de Debord (1967, p. 24):

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos ele vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a existência é seu próprio desejo. Em relação ao

homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte. (DEBORD, G. 1967, p. 24)

Nosedive: o episódio

O episódio se passa em um contexto em que a tecnologia não apenas media as relações, mas é justamente o motor das interações e da sociabilidade. Esse momento social difere do atual cenário porque há um certo entendimento de que o uso que fazemos hoje da tecnologia tende a isolar fisicamente as pessoas, dada a fragilidade dos laços que estas vêm desenvolvendo a partir da interação em ambientes virtuais (BAUMAN, 2001). Assim, essa outra forma de uso das tecnologias apresentada em *Nosedive* impulsionaria as relações interpessoais, promovendo a aproximação entre pessoas e criando, aparentemente, mais coesão social e solidariedade entre elas. No entanto, ao longo do episódio, observa-se que a suposta solidariedade com os pares é muito frágil, pois a cada interação é feita uma avaliação das pessoas, muito similar àquelas já utilizadas por aplicativos e serviços em nosso contexto atual. Dessa forma, nesse episódio o status social de cada pessoa é medido pelo número de “estrelas” que cada um recebe a cada nova interação nas redes. As “estrelas” simbolizam apreço e são usadas para classificar as pessoas, servindo de termômetro não apenas de aceitação dentro das relações sociais, mas também de critério para ter acesso a oportunidades de trabalho, espaços privados e públicos, convites para festas etc. Enfim, o score obtido por cada indivíduo determina sua pertença a uma classe social e o estilo de vida que ele pode manter.

A personagem principal é Lacie, uma jovem mulher branca, aparentemente de classe média, que mora com seu irmão. No início a vemos no banheiro, em frente ao espelho, ensaiando expressões e sorrisos, revelando a superficialidade e a carência de espontaneidade em suas ações e relações, que têm como única finalidade lhe prover estrelas. Suas ações são racionalizadas e calculadas para atingir seu objetivo, agindo premeditadamente com gentileza e atenção a todos, para conseguir subir de “nível”, o que equivaleria a ascender a um estilo de vida superior. A superficialidade das relações com os demais e a submissão às normas e padrões do grupo ficam nítidas na cena em que um colega de trabalho lhe oferece um *smoothie* a fim de subir sua nota e, ao aceitar, ela é repreendida por outro colega de trabalho que informa: “não estamos falando com o

Ches. Ele e Gordon terminaram. Nós estamos do lado do Gordon”⁷. Diante disso ela apenas concorda, sem questionar o porquê, como um peixe que segue seu cardume cegamente, a fim de sobreviver ao meio em que se encontra.

À procura de uma nova casa, em uma das visitas lhe é mostrado um holograma seu, bem arrumada e feliz, com um homem que, hipoteticamente, seria seu marido. Seduzida com a cena, Lacie resolve fechar negócio e alugar a casa, mas o valor do aluguel não é compatível ao seu orçamento, e a solução oferecida é um desconto que ela só ganharia se conseguisse subir sua avaliação para 4.5 estrelas. Ela então procura um especialista, que lhe incentiva a buscar impressionar pessoas que tenham médias de 4.5 ou mais, o que impulsionaria suas avaliações, fazendo com que sua média crescesse rapidamente. Ao buscar seu objetivo, ela passa a se esforçar mais em suas atitudes e sorrisos e “melhorar” seu visual. Chegando no trabalho, encontra Ches na porta implorando por uma avaliação (sua média está abaixo de 2.5, o que o impede de entrar no prédio em que trabalhava) e sua reação é entrar rapidamente e ignorar o pedido, tendo em mente que avaliar Ches fará com que ela receba baixas avaliações, o que estragaria seus planos.

Sua referência de média alta é uma antiga amiga da escola, Naomi, que possui média 4.8. Lacie olha o perfil dela várias vezes ao dia. Ao postar uma foto de um boneco que fizeram juntas, ela chama a atenção desta, resultando na avaliação da publicação em 5 estrelas. Ela reage com um sorriso que, ao contrário do que nos é mostrado até aqui, parece ser espontâneo e autêntico. Logo após, recebe uma ligação da amiga de infância, que lhe informa que vai se casar e a convida para ser sua dama de honra. Apesar de não se verem há muito tempo, elas ainda se tratam pelos apelidos: “NayNay” e “Lace”.

Sobre Naomi, é importante ressaltar a forma como se comporta durante a vídeo-chamada. Ela age de modo semelhante ao dos personagens já apresentados, no entanto, é visível sua maior necessidade de se “mostrar”, ou se “provar”. Apesar de tudo ao seu redor ser feito para agradá-la, ela ainda tem a obrigação de manter uma personagem. Naomi tenta agir naturalmente, mas é perceptível que está desenvolvendo uma performance, isto é, fazendo o papel da mulher “perfeita”, exibindo seu anel de

⁷ Tradução livre da fala “*We're kind of not talking to Ches. [...] Him and Gordon split up [...], we're all on Gordon's side*”. Na cena, Lacie não tinha ciência de que o relacionamento dos colegas havia acabado. Todos os outros companheiros de trabalho tomam o lado do Gordon, excluindo Ches e avaliando negativamente quem interagir de forma amigável com ele.

diamante, em sua ilha particular, andando de biquíni com seu corpo “perfeito”, e apresentando uma felicidade exacerbada.

Ela deixa Lacie responsável por fazer um discurso em seu casamento. Vemos então a personagem principal treinar diversas vezes sua fala, como uma atriz se preparando para uma peça. Antes de ir ao casamento, ela discute com o irmão, que questiona a amizade das duas, afirmando que o interesse dela é apenas ganhar boas avaliações e que isso se tornou uma obsessão. Após a discussão se inicia a derrocada da personagem. Uma série de infortúnios acontece após sua saída de casa, e, chegando ao aeroporto, ela descobre que seu voo foi cancelado, existindo vaga apenas em um avião reservado a “clientes premium” – que possuam avaliações de 4.2 ou mais. Não será possível embarcá-la, pois sua nota havia caído para 4.1, o que a deixa surpresa. Ela justifica que não é sua culpa, citando os incidentes ocorridos. Indignada por não conseguir embarcar no voo e aflita por correr o risco de não chegar a tempo para o casamento da amiga, inicia uma discussão com a atendente do aeroporto – que sorri educadamente, como se seguisse um protocolo, mas não atende aos pedidos insistentes de ajuda da moça. Vendo a situação, todos que estão próximos lhe avaliam negativamente. Pouco depois, a segurança do aeroporto é acionada, um homem com um sorriso (automatizado) no rosto explica calmamente que irá diminuir a nota dela temporariamente para 3.1, mas que esta retornará ao normal após 24 horas. Além disso, adverte que, nesse período, as avaliações negativas terão o efeito duplicado. Ele conclui, ainda com um sorriso, pedindo que ela saia do aeroporto. Desnorteada com a situação, Lacie apenas sai, recebendo uma última avaliação baixa da atendente.

Lhe resta agora alugar um carro. Para isso há duas filas: uma para quem possui notas a partir de 4, na qual o atendimento é rápido e todos estão bem vestidos, e outra fila destinada a quem tem menos de 4 pontos. Nessa há mais pessoas, vestidas com roupas gastas, mostrando a discrepância entre os estilos de vida de um grupo e de outro. A partir desse momento somos apresentados a um “outro mundo”, no qual as pessoas parecem ser mais reais, isto é, mais autênticas e espontâneas, e onde receber boas avaliações não é a maior preocupação de ninguém. Quando Lacie é atendida descobre que, devido à sua pontuação, só é possível alugar um modelo de carro já ultrapassado.

Enquanto dirige e ensaia seu discurso, Lacie recebe uma ligação de Naomi, que questiona sobre seu atraso, e diz que se ela não conseguir chegar a tempo, pode ser

substituída, mostrando a fragilidade da relação. No meio da viagem o carro (elétrico) descarrega e, ao parar em um posto para recarregá-lo, é atendida sem muito interesse por parte do atendente, que diz não ter o adaptador para carregar o carro. Como seu objetivo é chegar ao casamento, ela não desiste e resolve pedir carona em uma estrada movimentada, mas, devido à sua pontuação, que a essa altura está em 2.8, todos lhe negam ajuda, sugerindo que a solidariedade não é um gesto espontâneo, mas uma estratégia de grupo para manutenção do status/score. A única pessoa que para e oferece ajuda é uma senhora chamada Susan, que dirige um caminhão velho e tem média de 1.4 pontos. Sem escolhas, ela aceita a carona. Dentro do caminhão, ela olha o perfil de Susan, que ri ao perceber a situação, dizendo “Uma pessoa 1.4 só pode ser uma maníaca antissocial, não é?”. Então, a caminhoneira lhe pergunta como a média dela é tão baixa, já que não aparenta “ser” (ou pertencer à classe) 2.8, e Lacie explica toda a situação. Susan pergunta como ela se sentiu ao gritar no meio do aeroporto, e Lacie diz que foi péssimo, pois a atitude a levou até ao ponto em que está agora, mas que acreditava que tudo ficaria bem após o casamento. A resposta surpreende a caminhoneira, que conta sobre como era parecida com Lacie, pois vivia para conseguir uma boa avaliação, chegando a ter 4.6 estrelas. Mas quando seu marido, Tom, morreu, devido a um câncer no pâncreas, ela passou a dizer o que pensava, agir como queria. Em pouco tempo perdeu seu score/status e com isso seus amigos, deixando de ter acesso ao estilo de vida e aos privilégios exclusivos dos membros daquela classe social. Apesar de tudo, se sentiu livre daquilo que a limitava de ser quem era, que a mantinha em um ciclo social tóxico. Lacie responde que não pode desistir das coisas pelas quais está lutando para conquistar, pois ela ainda não sabia o que é ter tudo e desejava ser feliz, olhar ao redor e saber que tem uma “boa vida”. Por isso entende e se submete ao “joguinho dos números”, pois é assim que o mundo funciona para ela.

Ao fim do percurso, Lacie vai ao banheiro de um posto, onde, enquanto ensaia novamente seu discurso, encontra jovens que estão indo a uma convenção de uma série de ficção-científica, e vê aí a oportunidade de chegar mais rapidamente ao casamento. No meio da viagem, recebe uma ligação de Naomi dizendo que não é mais necessário que ela vá, pois sua média está tão baixa que seria vergonhoso recebê-la. Dada a insistência de Lacie, nesse momento, a noiva revela que sua meta inicial era comover os convidados trazendo uma velha amiga, com uma avaliação não tão baixa, pois isso

traria boas avaliações tanto para Naomi e seu marido como para Lacie, e assim todos sairiam ganhando. Frustrada com Naomi, Lacie revela que mentiu aos jovens, sendo expulsa do ônibus. A pé novamente, ela bebe o uísque que Susan deixou em sua mala e pega uma motocicleta emprestado para conseguir chegar a tempo no seu destino: ela quer ir ao casamento e proferir seu discurso a todo custo.

Ao chegar no local do casamento, se depara com uma placa que permite entrada apenas de pessoas que tenha média acima de 3.8, logo, resolve encontrar uma entrada alternativa. Durante o percurso, cai em uma poça de lama. Agora ela está suja, despenteada, totalmente oposta ao que era no início, no entanto, parece mais determinada (e, talvez, humana) do que nunca. Embora desautorizada, ela entra na festa, pega o microfone e dá início ao seu “discurso-show”. Percebendo o incômodo que está causando, começa a falar sobre os reais acontecimentos que a ligavam à “NayNay”. Lacie consegue terminar o discurso, saindo da festa arrastada pelos seguranças, com um olhar fixo em Naomi, demonstrando sua obsessão pela amiga.

Por fim, ela é presa e na cadeia tem suas lentes (que permitiam que ela visse as avaliações e perfis das pessoas) removidas. Apesar da situação, Lacie ri. Concluindo o que inferimos ser o momento em que ela percebe que não foi a conquista de uma boa avaliação que lhe trouxe felicidade, mas sim o caminho que ela percorreu até chegar àquele ponto. Apesar de ter perdido tudo, lhe foi dada a chance de ser autêntica e livre, e ela descobre que falar o que pensa lhe causa prazer, um sentimento que ela compartilha com o outro prisioneiro que se encontra na cela em frente à sua.

Sociedade de *Nosedive*

O mundo retratado em *Nosedive* é uma distopia, uma sociedade que em tese poderia dar certo, mas pelo excesso de racionalização e a inconstância do comportamento humano acabou fracassando. O episódio mostra uma sociedade com tecnologia avançada, onde as pessoas, constantemente “conectadas”, avaliam umas às outras. Tais avaliações são baseadas em aparências e nos objetivos individuais: ter mais estrelas para elevar o status social. Isso porque aqueles com mais estrelas têm acesso a melhores condições de vida, oportunidades de trabalho, bairros e serviços em estabelecimentos mais caros. Apesar de ser uma ficção, a sociedade mostrada denuncia

o modo de vida que levamos, a modernidade descrita por Bauman e a sociedade baseada na alienação dos pré-julgamentos, do espetáculo, denunciada por Debord.

Os valores que antes eram sólidos foram “derretidos”, na intenção de alcançar uma liberdade individual, um tempo em que a tecnologia se torna o principal meio de interação social, as relações são constantemente mediadas pela imagem (aparência), mercantilizadas na forma de um espetáculo reencenado cotidianamente. As redes sociais, onde os personagens postam suas fotos e vídeos, são a base para suas avaliações. Uma aparência “feliz” e “bem-sucedida” é o que basta para a nota ser mais alta.

Esse reflexo um pouco distorcido da nossa sociedade atual mostra como somos individualistas, agindo sempre para obter conquistas pessoais, tornando as relações instáveis. Apesar de vivermos em comunidade, as ações e atitudes são para favorecimento pessoal. Isso porque, segundo Bauman, ao focar no individual, o componente social perde a atenção do público. Ele não se atenta ao que acontece ao seu redor, sua liberdade não é questionada, pois seu foco está centrado nele próprio. E esse certamente é um dos pilares do episódio *Nosedive*.

A falta de padrões sólidos faz com que os sujeitos sociais passem a construir sua identidade com base no que consomem. Como por exemplo, a personagem acredita que frequentar os mesmos lugares, comer/consumir os mesmos produtos ou morar em um bairro onde vivem pessoas com altas avaliações vai torná-la parte daquele meio.

O consumo rápido é tema abordado pelos dois autores discutidos. Bauman reconhece esse fator crucial do capitalismo como responsável pela falta de concretude nas relações interpessoais, que internalizam o funcionamento da chamada “obsolescência programada”, transformando pessoas em objetos facilmente substituíveis, enquanto Debord o vê como intensificador do espetáculo e da falta de identidade pessoal através da publicidade e da mídia. Tendo em vista que as tendências de consumo estão sempre se renovando, a identidade também é algo fluido. Essa fluidez gera falta de certeza no que se é, e essa dificuldade na construção e autoconhecimento do indivíduo o leva a basear suas relações em interesses pessoais inconcretos, não buscando um bem comum.

Toda vez que Lacie se olha no espelho, ensaiando o que vai dizer, como vai sorrir, treinando como parecer gentil e agradável ou quando dá boas avaliações às pessoas com quem interage, não é na intenção de ter uma boa convivência com as

peças que fazem parte de seu ciclo social, mas sim de receber boas avaliações e atingir seu objetivo pessoal: aumentar sua média. Só assim ela acredita que irá obter “felicidade”. Não apenas ela como toda interação mostrada é pautada no ego, até mesmo as que são evitadas, como no momento em que ela ignora um amigo do trabalho para que não receba avaliações baixas dos demais. Logo, a solidariedade só se aplica entre iguais, isto é, entre membro de uma mesma classe, servindo de recurso de manutenção do status e da ordem estabelecida. Talvez por isso seja perceptível a padronização de comportamento e de aparência entre pessoas pertencentes ao mesmo ciclo social.

Essas redes sociais e avaliações, que são as únicas preocupações da personagem, são a mais pura representação do espetáculo, onde a aparência se sobrepõe sobre a realidade e ganha caráter de verdade absoluta, criando, segundo Debord, um mundo invertido.

A realidade considerada parcialmente reflete em sua própria unidade geral um pseudo mundo à parte, objeto de pura contemplação. A especialização das imagens do mundo acaba numa imagem autonomizada, onde o mentiroso mente a si próprio. O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo do não-vivo. (DEBORD, G. 1967, p. 14)

A fluidez no comportamento e demais âmbitos sociais gera incerteza. Isso é tão evidente que existe, no contexto do episódio, um especialista que diz o que se deve fazer e como se deve agir, qual o comportamento ideal (baseado em números e previsões) para aumentar as estrelas. Muito similar à nossa busca cotidiana em ascender socialmente, ter maior poder aquisitivo, pois o consumo na modernidade líquida serve como anestésico para a incerteza e a insegurança (SANTOS e SILVA, p.55).

No diálogo entre Lacie e Susan fica perceptível que a personagem não sabe bem o porquê dessa busca, apenas segue o fluxo de comportamento das demais pessoas com o desejo de um dia ser feliz, no entanto ela não sabe definir o que seria essa felicidade. Sobre isso, Bauman diz que, com a tecnologia, conhecemos cada vez mais os meios para alavancarmos nossos objetivos, mas que o consumo entorpece nossos sentidos com desejos instantâneos, tirando o foco de conquistas e realizações a longo prazo (BAUMAN, 2001, p.88).

Ao confrontar nossa sociedade com o que é mostrado no episódio, percebemos o quão frágeis são as relações que constituímos enquanto sociedade, e como o capitalismo

tem controle nessa forma de interação e construção de quem somos. Voltamos nossa atenção para o micro e esquecemos do macro, somos reduzidos apenas a objetos sociais.

Conclusão

Após as análises expostas, fica evidente que o episódio é centrado na mercantilização da imagem, desde sua base. A liquidez das relações acaba por transformar humanos em objetos e até mesmo a arte, que seria uma válvula de escape, um modo de manifestar nossa identidade, acaba sendo transformada em um produto a ser consumido visando obter status social.

Fica claro o tamanho poder do capitalismo, que engole e processa todos os componentes da sociedade, servindo, posteriormente, para alimentar a população conforme os desejos e vontades que incita. Criando, através da ideia de avanço, uma mediação nas relações, que forma bolhas, enfraquecendo cada vez a mais a comunidade que se mantém sobre a estruturação do espetáculo, que nos cega e faz refém do consumo e desejos instantâneos.

Ademais, entendemos que Nosedive aborda o desenvolvimento de novos sistemas de classificação e julgamento, bem como de estratificação social, em que a origem, o volume de capital cultural e/ou econômico ou a ideologia religiosa dos indivíduos praticamente não têm influência para a ascensão e a mobilidade social, contradizendo as teorias sociológicas clássicas, elaboradas entre os séculos XIX e XX para dar conta da modernidade. Em contrapartida, o que se observa é que a performance que cada um é capaz de desenvolver no espaço público, mais precisamente, nas redes sociais *online*, é muito mais relevante para ascender e integrar uma classe social. Em certo sentido, pode-se dizer que esta ficção parece dialogar com a realidade vivida, ao passo que discute o atual estágio do capitalismo, o uso e o papel da tecnologia nas relações, bem como a fragilidade dos laços sociais.

Referências

- BAHIA, J. **A sociedade do espetáculo**. Observatório da imprensa. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/speculum/a-sociedade-do-espetaculo/>. Acesso: 30 de outubro 2018.
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2004.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2001.
- BROOKER, C. **Charlie Brooker**: the dark side of our gadget addiction. The Guardian. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2011/dec/01/charlie-brooker-dark-side-gadget-addiction-black-mirror>. Acesso: 13 de março 2019.
- BUENO, Douglas Aparecido. **Guy Debord e nova fase do espetáculo**. 2017, 236f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: < <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/20108> > Acesso em: 03 abr. 2019.
- CILLIZZA, C. **Donald Trump's troll game of Jeb Bush**: A+. The Washington Post. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2015/09/08/donald-trumps-troll-game-of-jeb-bush-a/?utm_term=.5c190210c918. Acesso: 13 de março 2019.
- DEBORD, G. **Sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000
- DODDS, L. **Black Mirror**: the future is already here, and it's terrifying. The Telegraph. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/tv/2017/12/27/black-mirror-offers-terrifying-near-future-easier-understand/>. Acesso: 13 de março 2019.
- KOHN, K.; MORAES, C. H. **O impacto das novas tecnologias na sociedade**: conceitos e características da Sociedade da Informação e da Sociedade Digital.
- SANTOS, G. F.; SILVA, O. G. T. da. **Conceito de “modernidade líquida”**: revisão teórica e implicações para a prática de vida. UFMA: Cadernos Zygmunt Bauman, v. 3, n. 5, 2012. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/1490>. Acesso: 30 de outubro 2018.
- SANTOS, David Moiseis Barreto dos. **Zygmunt Bauman**: vida, obra e influencias autorais. Cardenos Zygmunt Bauman, vol. 4, num. 8, 2014. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/2893/1119> Acesso em: 05 Abr. 2019.
- SIMON, J. **Charlie Brooker's second Black Mirror drama 'White Bear' is another work of dark and twisted genius**. The Daily Mirror. Disponível em: <https://www.mirror.co.uk/tv/tv-previews/black-mirror-channel-4-video-1714613>. Acesso: 13 de março 2019.
- SIQUEIRA, V. **Guy Debord e a sociedade do espetáculo**. Obvious Magazine. Disponível em: http://obviousmag.org/archives/2013/05/guy_debord_e_a_sociedade_do_espetaculo.html. Acesso: 30 de outubro 2018.